

Educação ROBERTO MACEDO

ESTADO DE SÃO PAULO

A recuperação da escola pública



Nas cidades pequenas, a classe média exerce pressão para garantir a qualidade

Devo muito, muito mesmo, às escolas públicas por onde passei, particularmente às de primeiro e de segundo graus. A existência dessas escolas é de fundamental importância, porque elas cobrem a faixa etária em que o estudante não pode decidir por si mesmo e sua educação pode ficar bloqueada por dificuldades de caráter econômico que afetem a sua família. Elas também são importantes ao se colocarem como alternativa ao ensino privado e para evitar que este passe a cobrar mensalidades cada vez maiores.

Acredito mesmo que na sua ausência não estaria aqui escrevendo estas linhas, nem teria caminhado pela carreira que acabei seguindo. Assim, vi com preocupação a sua deterioração ao longo das duas últimas décadas e a contragosto minhas filhas foram levadas a escolas privadas, exceto por um ano em que passaram por uma escola pública excelente. Fora do Brasil.

Por isso mesmo, foi com satisfação que tomei conhecimento de uma avaliação feita pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, limitada ao ensino de primeiro grau, mostrando que ainda

há escolas boas na rede pública e os alunos das melhores escolas do Estado têm um desempenho que se assemelha ao dos estudantes das 19 escolas particulares avaliadas para fins de comparação. A avaliação feita é altamente elogiável, já que teve abrangência e profundidade maiores do que as realizadas anteriormente.

Um aspecto curioso da pesquisa é que as melhores escolas públicas estão nas cidades do Interior e na sua lista predominam as escolas de cidades pequenas. Seria interessante investigar os fatores que levaram a isso, porque esse trabalho pode ser útil na identificação de medidas capazes de levar à recuperação das demais escolas públicas.

A título de hipótese, do lado dos professores, nas cidades pequenas o mercado de trabalho é muito mais limitado e aí mesmo os professores mais qualificados não encontram ocupações alternativas, conformando-se em trabalhar para o Estado, ainda que com salários irrisórios. A ocupação dos professores, cuja maioria é composta de mulheres, é muitas vezes aquilo que os analistas chamam de emprego secundário, ou seja, o marido responde pela

maior parte da renda familiar e a esposa a complementa. Nas cidades grandes, por causa do maior custo de vida, a necessidade de complementação é maior.

Do lado dos alunos, nessas cidades pequenas a classe média ainda não abandonou a escola pública, no mesmo grau em que o fez nas cidades maiores. Em geral, ela tem voz muito ativa na pressão que a própria comunidade exerce para garantir os padrões de qualidade. Além disso, nessas cidades as famílias estão mais próximas da escola e conseguem fazer esse acompanhamento com maior rigor. Num seminário sobre o assunto, ouvi um especialista afirmar que o retorno da classe média à escola pública seria muito importante para a recuperação da sua qualidade.

Comentando o assunto na imprensa, a secretária de Estado da Educação, Rose Neubauer, assinalou que uma das razões do melhor desempenho das escolas do Interior foi o fato de que, nos últimos dez anos, não foram construídos prédios escolares em número suficiente para oferecer um ensino de melhor qualidade na cidade de São Paulo. Esse pode ter sido um fator, mas é pouco provável que sua correção consiga atenuar problemas como os apontados, ou seja, a existência de ocupações alternativas que atraem os melhores professores e a saída de boa parte da classe média da escola pública, atenuando as

pressões comunitárias. Num cidade como São Paulo, se não houver melhoria do salário dos professores, que, aliás, deveria ser maior nas cidades com maior custo de vida, não será possível realizar a recuperação das escolas públicas.

A respeito da construção de novos prédios escolares, é importante ressaltar que, ainda que os dados possam variar de cidade para cidade, as estatísticas estão mostrando que no seu conjunto, a população de 0 a 14 anos deverá ficar estável daqui para a frente, como decorrência da rápida redução do número de filhos que as mulheres têm na idade fértil. Ora, isso abre melhores perspectivas de sensível melhoria da escola pública, já que a pressão para a construção de novos prédios escolares deve diminuir, abrindo mais espaço para a melhoria das condições de trabalho dos professores e do que mais é necessário para reter os alunos.

A estabilidade da população de 0 a 14 anos de idade abre, assim, uma excelente oportunidade para avançar no esforço de recuperação da escola pública. O que falta é trabalhar muito para assegurar as demais condições. Parece que, finalmente, o País está acordando para isso.

■ Roberto Macedo é economista formado pela USP, com mestrado e doutorado pela Universidade de Harvard (EUA)